

---

## A ESCRITA DE SI NOS ENSAIOS DE MONTAIGNE

**Luísa de Araújo Pereira Gadelha**  
Mestranda - PROLING da UFPB  
luisagadelha@gmail.com

### 1. Introdução

O escritor e filósofo francês Michel de Montaigne (1533-1592), criador do gênero ensaio, propôs-se a fazer um auto-retrato de si mesmo em sua obra, intitulada também *Os Ensaios*, dividida em três volumes. A escrita de si está presente nos *Ensaios* a partir das reflexões que o autor faz com base em leituras anteriores de clássicos como Sêneca, Plutarco e Sexto Empírico. Montaigne alia suas experiências pessoais a considerações sobre temas como dor, tristeza, amizade e morte, convidando o leitor à reflexão à medida que fala de si da maneira mais natural e espontânea possível.

Nosso objetivo, neste trabalho, é fazer uma breve análise da escrita de si no ensaio intitulado *Da tristeza*, do primeiro volume dos *Ensaios*, com base nos estudiosos Birchall, de Souza Filho, Brody, entre outros, mostrando, assim, a originalidade da composição do humanista francês, que incorporou sua experiência pessoal às suas leituras, notas e citações.

### 2. Michel de Montaigne e sua obra

Michel Eyquem de Montaigne nasceu em 28 de fevereiro de 1533 no castelo de sua família, próximo à cidade de Bordeaux, na França. Morreria no mesmo local 59 anos depois. De família nobre, Michel de Montaigne recebeu uma educação primorosa de sua família. Seu pai trouxe da Itália, berço do Humanismo, ideias pedagógicas bastante inovadoras. Ele acreditava que as crianças deveriam ser educadas com total liberdade, apreciando o dever e a ciência em seu próprio ritmo, sem imposição. Para que Montaigne não fosse acordado muito bruscamente, fazia com que o despertassem com música. Em suma, queria que o instruissem divertindo-o. Montaigne teve professores que o educaram em latim, sua primeira língua materna, e estudou no Colégio da Guiana, uma conceituada escola da época, dirigida pelo humanista português André Gouvêa. Terminou seus estudos em direito e trabalhou até os 38 anos na Parlamento de Bordeaux. A partir daí, resolveu se aposentar e recolheu-se à sua “livraria”, uma torre de seu castelo que Montaigne transformou em

biblioteca.

De uma originalidade inusitada, a biblioteca de Montaigne era cunhada de cerca de sessenta frases – máximas filosóficas e aforismos gregos e latinos - nas vigas de madeira do teto, além de possuir uma vasta coleção de objetos indígenas. Mandou gravar, nas vigas, também, a seguinte inscrição:

No ano de Cristo de 1571, com a idade de trinta e oito anos (...), Michel de Montaigne, já há muito tempo desgostoso da escravidão da corte do Parlamento e dos cargos públicos, sentindo-se ainda bem-disposto, veio isolar-se para repousar no seio das douradas Virgens, em calma e em segurança; aqui ele atravessará em segurança os dias que lhe restam para viver. Esperando que o destino lhe permita aperfeiçoar esta habilitação, estes doces refúgios paternos, ele os dedicou à sua liberdade, à sua tranquilidade e a seu lazer.

Nessa época, mandou também cunhar uma medalha com uma máxima do filósofo Pirro que ele adotara: *Que sais-je?* (Que sei eu?)

Convém ressaltar, ainda, que a biblioteca era um espaço recolhido que servia para a reflexão e a meditação. Foi lá que o humanista deu origem aos seus *Ensaio*s, obra de três volumes que Montaigne escreveu durante 16 anos – de 1572 a 1588. Criador do gênero *ensaio*, esta palavra vem do latim *exagium*, que significa ensaiar, pesar, pôr na balança. Assim, um ensaio é uma espécie de tentativa, de exercício pessoal, de reflexão sobre determinado tema. Sua obra surgiu após a leitura de autores antigos como Sêneca, Plutarco, Sexto Empírico, Cícero, entre outros.

No entanto, a maior originalidade dos *Ensaio*s é ser um auto-retrato do autor. Já podemos vislumbrar a intenção de Montaigne na *Advertência ao leitor*, que abre o primeiro volume dos *Ensaio*s:

Quero que me vejam aqui em minha maneira simples, natural e habitual, sem apuro e artifício: pois é a mim que pinto. Nele meus defeitos serão lidos ao vivo, e minha maneira natural, tanto quanto o respeito ao público me permitiu. (...) Assim, leitor, sou eu mesmo a matéria de meu livro. (Montaigne, 1588, p. 4)

Resumindo, como diz Birchal (2007, p. 26): “De forma que é como uma pintura, uma representação de si, a mais verdadeira e natural possível, que Montaigne entrega seu livro ao leitor.”

A exposição acima da obra de Montaigne pode fazer o leitor crer que o humanista francês escreveu uma espécie de autobiografia. Assim como ocorre na autobiografia, nos *Ensaio*s o autor é o objeto da obra. No entanto, os *Ensaio*s não são uma autobiografia. Segundo Birchal (2007):

Eles (os Ensaios) não tentam reconstruir a história de uma vida, não obedecem a uma ordem cronológica dos acontecimentos, nem se dedicam a narrar os atos e feitos do seu personagem, embora possam falar deles ocasionalmente. O autor diz que sua pintura recai não tanto sobre seus atos, que não o representam, mas sobre o fluxo de seus pensamentos. (Birchal, 2007, p. 26)

Assim, embora fale de si, Montaigne parte de suas leituras e reflexões para fazê-lo. Apesar de ser um inovador, o comportamento de Montaigne não foi um fato isolado em seu tempo, como atesta o estudioso Alexandrino de Souza Filho (2007):

[...] Seu livro (de Montaigne) testemunha as mudanças no comportamento e na maneira de pensar dos homens do Renascimento, período de transição entre a Idade Média e os Tempos Modernos. Os homens daquela época começaram a se perceber de outra maneira, interessando-se em entender e estudar o homem em si mesmo. O indivíduo surge pela afirmação de uma identidade própria, única e diversa da massa humana. Ele reivindica para si um universo particular e um espaço privado onde não tenha contas a prestar senão a si mesmo. (de Souza Filho, 2007, p. 36)

### 3. A escrita de si

Além de não ser o único em sua época, Montaigne tampouco foi o primeiro autor a escrever suas reflexões. Os hypomnemata (do grego υπομνημα) eram livros de contabilidade, registros notariais e agendas dos séculos I e II. Segundo Foucault (1992),

neles eram consignadas citações, fragmentos de obras, exemplos e ações de que se tinha sido testemunha ou cujo relato se tinha lido, reflexões ou debates que se tinha ouvido ou que tivessem vindo à memória. Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação. (Foucault, 1992, p. 135)

Os hypomnemata constituíam-se como um material para exercícios de leitura, reflexão e meditação a serem efetuados constantemente; tais cadernos eram um importante veículo de uma subjetivação do discurso. Entretanto, por mais pessoais que sejam, não devem ser confundidos com diários íntimos; não constituem uma “narrativa de si mesmo”, mas tratam de “captar o já dito, reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si”. (Foucault, 1992, p. 137) Era uma forma de retirar-se para o interior de si próprio, e descobrir-se nas leituras feitas, “um meio para o estabelecimento de uma relação de si consigo próprio tão adequada e completa quanto possível”. (Foucault, 1992, p. 138)

Os *Ensaio*s guardam alguma semelhança com os hypomnemata, visto que, partindo de

citações extraídas de suas leituras anteriores, reunindo o que de mais importante foi lido, Montaigne desenvolve suas ponderações. Após a publicação dos dois primeiros volumes dos *Ensaaios*, Montaigne releu-os diversas vezes, acrescentando pensamentos e meditações posteriores. Assim, seus ensaios constituíam-se em um exercício inacabado, trazendo notas de suas constantes leituras e reflexões. Convém ressaltar que fazemos tal analogia apenas com intuito didático, para auxiliar o leitor no entendimento dos *Ensaaios*, vista a impossibilidade de comparar os hypomnemata aos *Ensaaios*, pois são escritos de épocas e lugares diferentes.

De fato, os *Ensaaios* são de uma escrita singular. Para o autor Jules Brody (1994, p. 7), a obra de Montaigne trata-se de um livro “único dentro da literatura mundial pelo estatuto espetacular que reserva ao sujeito”.

#### **4. A escrita de si nos *Ensaaios*: uma breve análise de *Da tristeza***

A diversidade dos assuntos abordados pelos *Ensaaios*, em que se misturam os mais comuns aos mais profundos, a profusão de máximas, de citações e de anedotas, a morte, a dor, a solidão filosófica e a sabedoria, é constitutiva desse exercício de juízo que caracteriza o ensaio. Montaigne tomou a si como assunto de seu livro (“Mostro-me por inteiro. É um esqueleto onde, de uma mirada, as veias, os músculos, os tendões aparecem, cada parte em seu lugar. Não são os meus gestos que escrevo, sou eu, é minha essência.” Montaigne, 1588), alegando que não havia tarefa mais difícil do que descrever a si próprio (“Não há descrição comparável em dificuldade que a descrição de si mesmo, nem certamente em utilidade” Montaigne, 1588).

Propomo-nos aqui a analisar, com base no que foi dito acima, um ensaio pertencente ao primeiro volume da obra de Montaigne, intitulado *Da tristeza*. Originalmente escrito em 1580, a versão modificada, de 1588, traz em seus acréscimos passagens em que o autor fala de si próprio. É sobre esta versão que iremos nos debruçar.

É a partir de histórias que leu ou ouviu contar - como a do pintor ateniense Timanto (século IV a.C) que, ao representar o sacrifício de Ifigênia teve também de representar a dor dos seus e pintou o rosto de seu pai coberto, “como se nenhuma atitude pudesse representar semelhante grau de desolação” (Montaigne, 1588, p. 15), ou a da mãe Níobe que, após a perda de sete filhos e sete filhas transformou-se em pedra - e de citações de outros autores - tais como “Curae leves loquuntur, ingentes stupent” (“As dores pequenas falam; as grandes se calam”, Sêneca, Hip., II, III, 607.) e “Chi puo dir com' egli arde é in picciol fuoco” (“Quem pode dizer o quanto arde está em fogo

baixo”, Petrarca, soneto CXXXVII) - que Montaigne tece suas considerações sobre a dor e a tristeza, que o autor define como “uma qualidade sempre nociva, sempre desarrazoada; e por sempre pusilânime e baixa os estoicos proíbem seus sábios de senti-la” (Montaigne, 1588, p. 13 e 14). Felizmente, “a alma, relaxando-se depois nas lágrimas e nos lamentos, parece desprender-se, desenredar-se e pôr-se mais ao largo e à vontade” (Montaigne, 1588, p. 15).

Às suas reflexões, Montaigne mescla sua própria opinião e vivência: é aí que entra a escrita de si. Sobre a tristeza, Montaigne nos diz, na abertura do ensaio, que está “entre os mais isentos desta paixão” e não a aprecia nem estima, “embora o mundo tenha, por acordo, decidido honrá-la com favor especial” (Montaigne, 1588, página 13), e conclui: “sou pouco sujeito a essas violentas paixões. Tenho a apreensão naturalmente dura; e todos os dias a recubro e a calejo por discurso” (Montaigne, 1588, página 18).

Essas considerações não são exclusivas do ensaio *Da tristeza*. Em outros ensaios, tais como *Da ociosidade*, *Dos mentirosos*, *Dos prognósticos*, *Da constância*, *Do medo*, *Do pedantismo*, *Da educação das crianças*, entre outros, podemos encontrar passagens em que Montaigne traz apreciações sobre assuntos do seu tempo. Em um de seus ensaios mais célebres e também mais estudados, *Dos canibais*, Montaigne lança mão do relativismo cultural ao tecer críticas àqueles que consideravam os índios brasileiros uma civilização inferior e primitiva.

## 5. Considerações finais

Como já dissemos anteriormente, Montaigne foi um inovador na medida em que criou o gênero *ensaio* para falar de si a partir de leituras, citações e anedotas. Além de refletir sobre temas comuns à sua época, Montaigne nos traz uma pintura de si, a mais natural possível, “pois, se eu tivesse estado entre aqueles povos que se diz viverem ainda sob a doce liberdade das primeiras leis da natureza, asseguro-te que de muito bom grado me teria pintado *inteiro e nu*” (Grifo nosso, Montaigne, 1588, p. 4)

A obra de Montaigne resume bem o humanista que foi, e é estudada até hoje em áreas diversas como Sociologia, Direito, Literatura, História, Pedagogia e Filosofia. Seus pensamentos, à medida que pintam seu auto-retrato, nos trazem também reflexões que se mostram, por vezes, atuais, como o relativismo cultural mostrado em *Dos canibais*, ensaio no qual Montaigne critica aqueles que consideravam os nativos das Américas como uma civilização inferior.

Assim como os escritos de Montaigne constituem-se um *ensaio* sobre determinado tema, sua

---

leitura é um convite a nós, leitores, a ensaiarmos, refletirmos, ponderarmos e deliberarmos sobre tais temas, a partir do auto-retrato que Montaigne planejou pintar de si mesmo.

## **6. Referências Bibliográficas**

- AZAR FILHO, Celso Martins. **A filosofia de Montaigne: introdução ao pensamento renascentista**. Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 2009.
- BIRCHAL, Telma de Souza. **O eu nos Ensaios de Montaigne**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.
- BRODY, Jules. **Nouvelles lectures de Montaigne**. Paris: Librairie Honoré-Champion, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992.
- MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios: livro I**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MONTAIGNE STUDIES. Chicago: The University of Chicago, 2009. Anual. ISSN 1049-2917
- SOUZA FILHO, José Alexandrino de. **Projeto “Livreria” de Montaigne: um passeio ao universo do escritor francês Michel de Montaigne**. João Pessoa: Ed. Universitária / UFPB, 2007.